

IMPACTOS DA GRIPE ESPANHOLA NA REGIÃO DO ALTO MINHO (NORTE DE PORTUGAL)

Carlota Santos¹

Aurora Botão Rego²

Manuela Silva³

Milene dos Anjos Fernandes⁴

¹ CITCEM|FLUP; CECS – Universidade do Minho, csantos@ics.uminho.pt

² CITCEM|FLUP – Grupo de Populações e Saúde, aurorarego@gmail.com

³ CITCEM|FLUP – Grupo de Populações e Saúde, mmtfs_125@sapo.pt

⁴ CITCEM|FLUP – Grupo de Populações e Saúde, milene_ferriange@hotmail.com

Resumo

A dimensão e os efeitos da pandemia de gripe, que grassou entre a população portuguesa a partir de 1918, carecem ainda de aprofundamento sobretudo na perspetiva regional. O presente artigo visa analisar os contextos e as consequências do fenómeno em quatro municípios da região do Alto Minho – Viana do Castelo (nas suas 2 freguesias urbanas), Caminha (19 freguesias), Vila Nova de Cerveira (15 freguesias) e Paredes de Coura (21 freguesias) - integrados no distrito de Viana do Castelo e localizados na área geográfica que estabelece fronteira com a Galiza. Considerando esta proximidade, mas também a clivagem entre meio urbano e rural ou a especificidade das comunidades marítimas relativamente à restante população, pretendemos analisar eventuais comportamentos diferenciais observados durante o período de maior exposição à epidemia⁵.

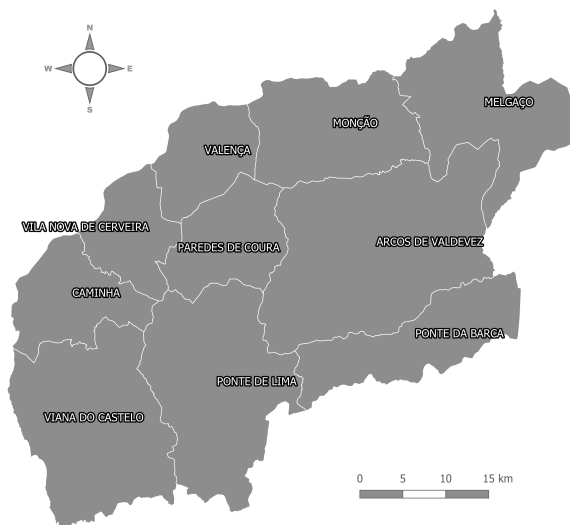
Palavras-chave: gripe espanhola, pneumónica, *influenza*, Alto Minho.

Introdução

No plano administrativo, a região portuguesa do Alto Minho corresponde ao atual distrito de Viana do Castelo (Figura 1) onde, para este estudo, privilegiámos quatro municípios (Caminha, Vila Nova de Cerveira, Paredes de Coura e a área urbana de Viana do Castelo) no sentido de avaliar os impactos produzidos pela gripe pneumónica que, tendo alastrado por todo o país no ano de 1918, atingiu as populações nacionais em cronologia e intensidade diferenciadas.

No sentido de uma análise comparativa a nível regional, considerámos relevante destacar dois fatores que teriam decisivamente condicionado diferentes graus de exposição à epidemia: por um lado, o maior ou menor isola-

⁵ O levantamento e análise de dados relativos a Viana do Castelo, Caminha e Vila Nova de Cerveira, foram desenvolvidos por Aurora Rego e Manuela Silva. O levantamento e análise de dados relativos a Paredes de Coura foram desenvolvidos por Carlota Santos e Milene Fernandes.

Fig. 1 – Localização dos municípios do distrito de Viana do Castelo

Fonte: CAOP (2011).

mento geográfico de cada município e, por outro lado, a significativa presença de comunidades marítimas na orla litoral que, pela sua mobilidade laboral em grande parte direcionada para os portos da Galiza espanhola, sempre mantiveram um estreito e permanente contacto com essa área que viria a ser um dos principais focos transmissores do vírus além fronteira.

Os registos de óbito constituíram a fonte principal para o estudo do fenómeno nos quatro territórios, entre 1914 e 1920, enquadrando-se centralmente o ano pandémico de 1918 para efeitos de análise. Para os municípios de Caminha e de Vila Nova de Cerveira foram também explorados os registos paroquiais de nascimentos que proporcionaram a observação dos saldos fisiológicos nestas comunidades. Por outro lado, a informação disponibilizada pelos recenseamentos nacionais portugueses (INE), produzidos entre 1864 e 1940, permitiu desenhar a evolução das populações e estimar os efeitos depressivos causados pela epidemia no ano de 1920.

Foram ainda consultadas diversas fontes para contextualização da análise quantitativa: fundos assistenciais das Misericórdias de Viana do Castelo, Caminha e V. N. Cerveira; fundos administrativos dos concelhos de Caminha e de V. N. Cerveira; imprensa local – *A Aurora do Lima* (Viana do Castelo); *Correio de Caminha* (Caminha); *Echos de Cerveira* (V. N. Cerveira) e *A Voz de Coura* (Paredes de Coura).

1. CARACTERIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS, EVOLUÇÃO POPULACIONAL E CONTEXTO SOCIOECONÓMICO

Na impossibilidade de analisar as 41 freguesias que integravam então o concelho de Viana do Castelo, incidimos a análise na cidade de Viana do Castelo, de secular vocação marítima e piscatória, incluindo duas grandes freguesias urbanas – Monserrate e Santa Maria Maior.

No concelho de Caminha, muito diversificado geograficamente, coexistem freguesias de forte atividade marítima e ribeirinha e outras comunidades mais interiorizadas e serranas cuja economia assentava primordialmente na agricultura de subsistência e na pastorícia.

No concelho de V.N. Cerveira, a atividade de pesca fluvial, juntamente com a atividade de barcagem ao longo do curso do rio Minho e entre as margens portuguesas e galegas contribuíram para a afirmação da sua identidade até aos inícios do século XX.

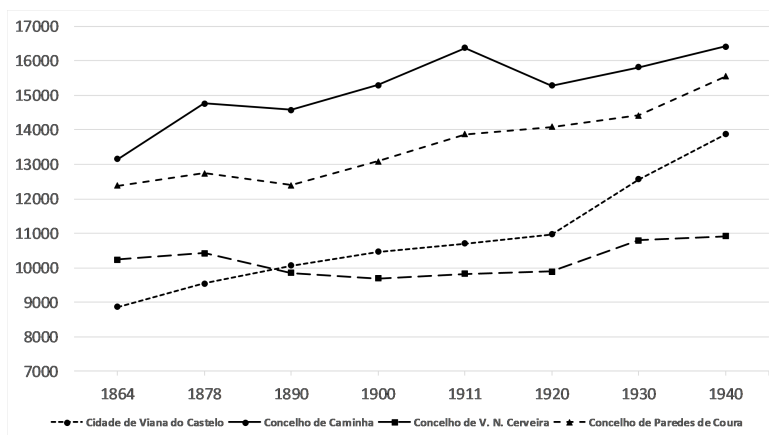
O concelho vizinho de Paredes de Coura é considerado o celeiro do Minho, «(...) como lhe chamam, pela abundante produção de cereais, em que predomina o milho maiz» (Cunha, 1979: 26). A sua superfície ronda os 13.000 hectares, distribuídos numa área predominantemente montanhosa, cuja fertilidade das terras é assegurada pela rede hidrográfica que parte do rio Coura.

Quatro rios de dimensão variável – Lima, Minho, Âncora e Coura – atravessam os municípios em observação. Ao longo dos séculos, estes rios estabeleceram fronteiras político-administrativas importantes, condicionaram a morfologia dos territórios e determinaram o maior ou menor grau de interioridade das freguesias. As serras de Arga, Boulhosa, Chã das Pipas e um extensa cordilheira que se estende até à zona de fronteira com a Galiza espanhola, com mais de 800 metros de altitude, condicionaram a fixação das populações e a sua evolução, conduzindo ao isolamento das comunidades mais afastadas do litoral.

Procedemos à análise da evolução da população nos quatro territórios com recurso aos recenseamentos nacionais entre 1864 e 1940, de forma a enquadrarmos os efeitos da pandemia da gripe espanhola.

A observação da Figura 2 revela que a evolução populacional positiva geral foi interrompida em 1890 em três espaços, com exceção para a Viana do Castelo. A causa da recessão verificada em 1890 parece estar relacionada com a incidência da *gripe russa* que deflagrou entre 1879 e inícios do ano seguinte (Frada, 2005: 87).

Fig. 2 – Evolução da população



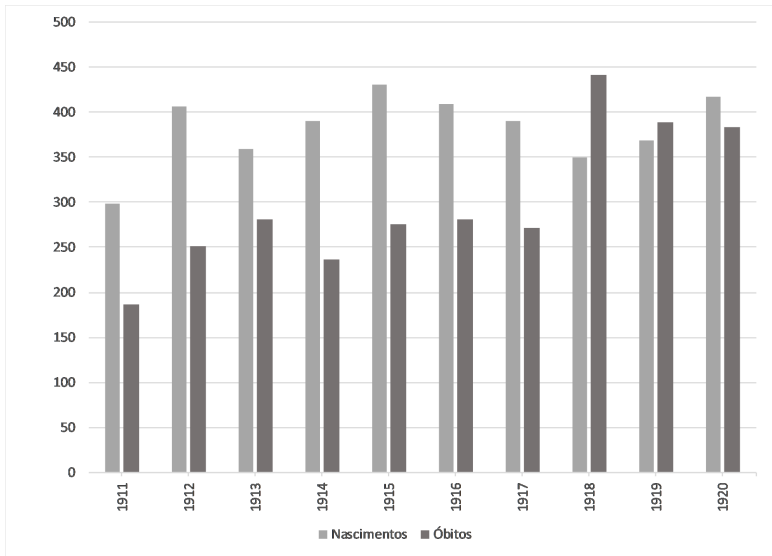
Fonte: Recenseamentos nacionais portugueses, INE.

De 1890 até 1911, a tendência prevalecente foi de franco crescimento demográfico, com exceção para a estagnação populacional verificada no concelho de V. N. Cerveira. No entanto, entre 1911 e 1920, a apatia populacional torna-se evidente: na cidade de Viana do Castelo contaram-se somente mais 1402 habitantes numa década, no concelho de Caminha mais 119, no concelho de V. N. Cerveira mais 63 e no concelho de Paredes de Coura 202. Será somente a partir do recenseamento de 1930 que se virá a observar um claro relançamento do crescimento populacional nos quatro espaços em análise.

Os dados apresentados nas Figuras 3 e 4 permitem concluir que, entre 1911 e 1920, os saldos fisiológicos nos dois concelhos analisados foram negativos no ano de 1918. Surtos larvares epidémicos nos anos seguintes, em particular na primavera de 1919, acrescidos ainda de surtos de febre tifoide, determinaram um quadro de recessão demográfica.

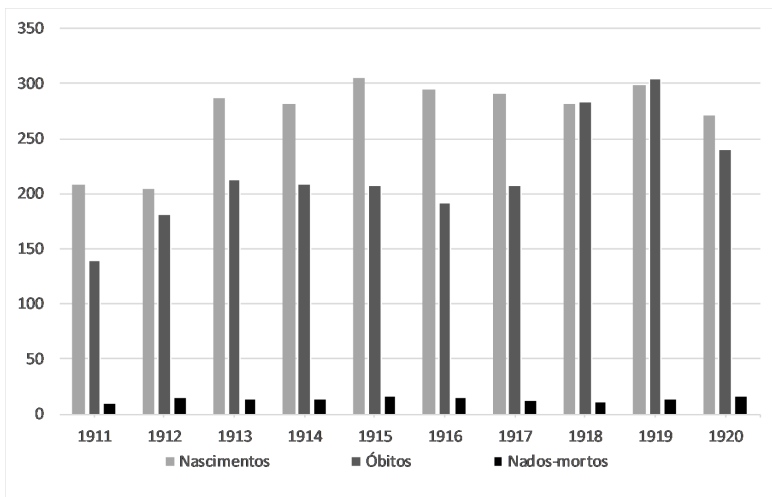
Com o início da I Grande Guerra, o contexto socioeconómico e político vigente modificou-se dramaticamente em Portugal, país periférico, isolado e pobre de recursos. Os bens de primeira necessidade sofreram uma inflação sem precedentes, especialmente a partir da entrada de Portugal no conflito bélico em 1916.

Fig. 3 – Saldo fisiológico no concelho de Caminha



Fonte: Registos paroquiais do concelho de Caminha.

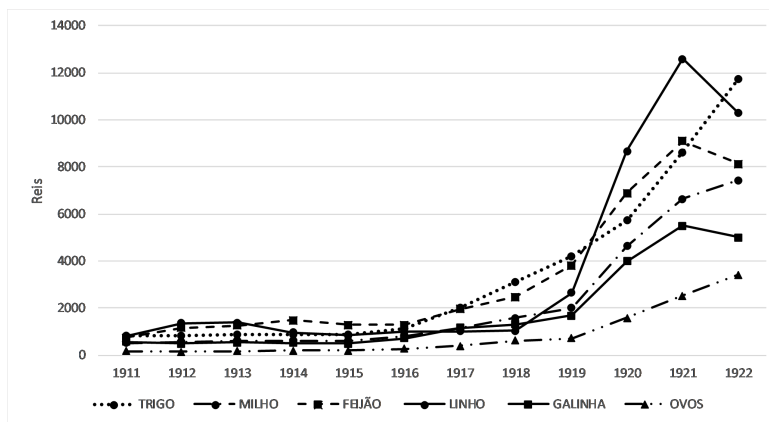
Fig. 4 – Saldo fisiológico no concelho de V. N. Cerveira



Fonte: Registos paroquiais do concelho de V. N. Cerveira.

Analisemos a evolução dos preços médios anuais dos bens de primeira necessidade no concelho de V.N. Cerveira entre 1911 e 1922 (Figura 5). Tomando como exemplo o milho (base da alimentação do povo nortenho), o seu preço médio, que, até 1915, rondava os \$500-\$600 reis por alqueire (medida de 20 litros), aumentou para \$820 em 1916, 1\$590 em 1918, 4\$630 em 1920, atingindo os 7\$110 reis em 1922. Idêntico cenário foi encontrado para o concelho de Caminha (Rego, 2015: 353-356).

Fig. 5 – Bens de primeira necessidade e inflação dos preços



Fonte: AMVNC, Tabela dos preços dos cereais.

Esta inflação assombrosa era agravada pelo açambarcamento das subsistências e pelo contrabando para fora dos limites do concelho e do país, através das ligações existentes entre o rio Minho e a Galiza. Outros fatores explicam esta inflação. Em 1918, a produção de cereais tinha sofrido perturbações, devido à estiagem que se fez sentir no distrito de Viana do Castelo, da qual imprensa regional nos fez eco⁶.

É de realçar os níveis de analfabetismo existentes no Recenseamento Nacional de 1920: na cidade de Viana do Castelo 47,57%; no concelho de Caminha 58,16%; no concelho de V. N. Cerveira 69,39% e no concelho de Paredes de Coura 75,81%. A falta de informação geral sobre a alimentação, higiene, salubridade ou medidas sanitárias e profiláticas a adotar na prevenção de contágios e doenças, maximizava os riscos durante a eclosão de crises epidémicas.

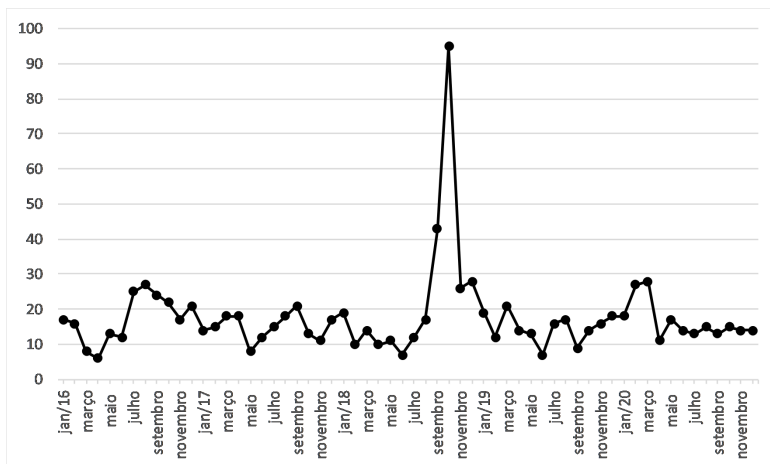
⁶ A Diocese de Braga sugere que todos os párocos sob sua jurisdição efetuem preces *ad pre-tendam pluviam* de forma a obter chuva da misericórdia divina e minimizar o ano de seca em curso, prejudicial à agricultura. Jornal *Echos de Cerveira*, nº 119, 23/06/1918.

2. INCIDÊNCIA DA GRIPE ESPANHOLA NA CIDADE DE VIANA DO CASTELO

A urbe vianense é composta por duas freguesias. Na freguesia de Monserrate, concentravam-se, entre outras, as populações ribeirinhas e militares, nomeadamente em arruamentos mais próximos da doca e da ribeira e ainda do Castelo de Santiago da Barra e aquartelamentos anexos. Na freguesia de Santa Maria Maior encontravam-se, principalmente, serviços e comércio, tendo como polo dinamizador a Praça da República.

Compulsada a informação proveniente dos assentos de óbito das duas paróquias, agregámos o conjunto total dos óbitos entre 1916 e 1920.

Fig. 6 – Movimento de óbitos na cidade de Viana do Castelo



Fonte: Registos paroquiais de óbitos de Viana do Castelo.

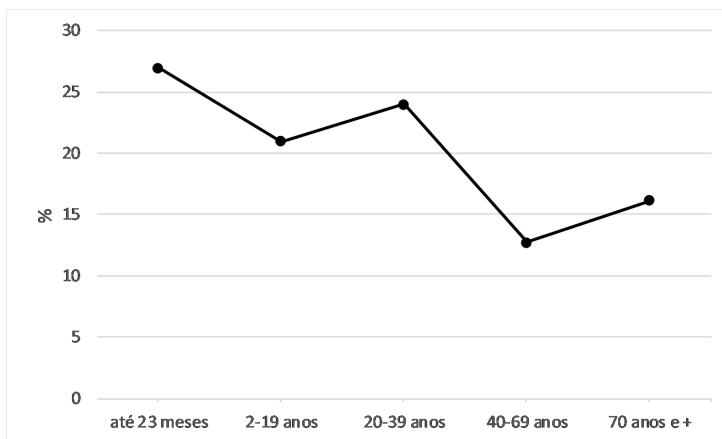
A análise da Figura 6 revela que o ano de 1918 se destaca claramente dos demais anos, sendo de evidenciar que o pico de mortalidade se centrou no mês de outubro, embora com início no mês de setembro e queda nos dois meses subsequentes⁷.

Que indivíduos foram mais expostos à gripe espanhola em Viana do Castelo? Para respondermos a esta questão, isolámos os indivíduos que faleceram durante os meses de crise pandémica. A Figura 7 demonstra que a faixa etária dos recém-nascidos até aos 23 meses foi a mais afetada (27%), seguindo-se o grupo de adultos robustos entre os 20 e os 39 anos (24%) e o

⁷ No Hospital da Misericórdia já tinham dado entrada doentes com gripe durante o mês de setembro. ADVCT *Fundo da Misericórdia de Viana do Castelo*, Cotas 3.24.5.9, 3.26.3.10, 3.26.3.17, 3.26.3.21, 3.26.3.22.

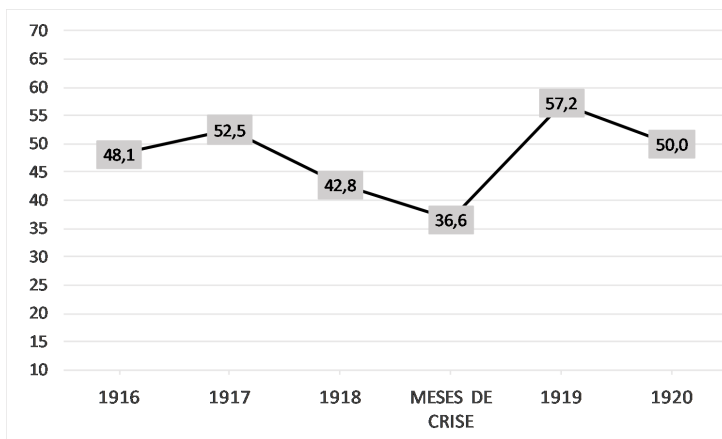
grupo dos 2 aos 19 anos (21%), ou seja, 72% dos óbitos referem-se a indivíduos até aos 39 anos de idade.

Fig. 7 – Óbitos segundo os grupos de idade



Fonte: Registos paroquiais de óbitos de Viana do Castelo.

Fig. 8 – Idade média ao óbito durante a crise pandémica



Fonte: Registos paroquiais de óbitos de Viana do Castelo.

Na Figura 8 encontram-se os resultados da análise das idades médias anuais ao óbito entre 1916 e 1920, como também durante o período de crise pandémica (setembro-dezembro de 1918). Concluimos inequivocamente que a descida da média de idades ao óbito para 36,56 anos durante a pandemia

comprova a juventude da maioria das vítimas, comportamento análogo ao encontrado noutros estudos (Frada, 2005: 114).

A particularidade de esta pandemia ter atingido as camadas mais jovens da população vem sendo atribuída a duas causas – a imunização das faixas etárias mais velhas devido à pandemia de origem viral idêntica – a *gripe russa* – que deflagrou em 1889/1890 (Frada, 2005: 87) e que poderá estar também na origem da interrupção do crescimento demográfico de 1890 (*vide* Fig. 2). A segunda causa relaciona-se com a própria juventude dos organismos e pela sua debilidade face à fome que grassava na região. A disseminação do vírus da gripe tornou-se muito mais veloz, produzindo vítimas mais jovens (Sousa, Castro, Lima, Sobral, 2008: 478).

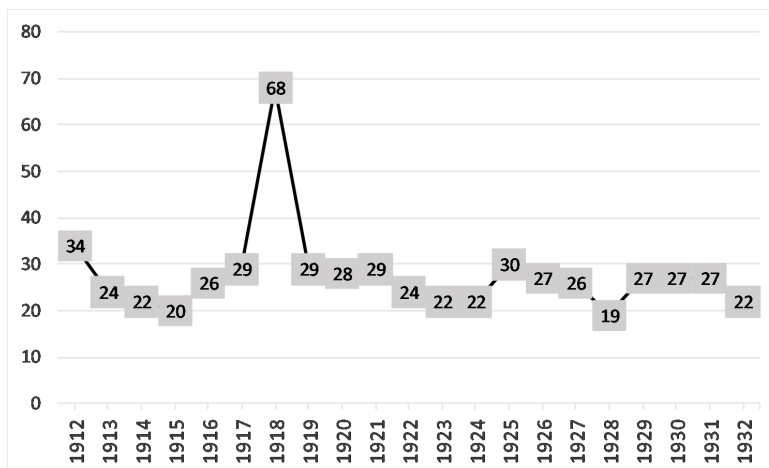
Em Monserrate, as áreas de residência registadas ao óbito durante os meses de crise foram, na sua maioria, as zonas habitadas por famílias de marítimos e militares e os eixos principais de passagem. As profissões mais mencionadas foram pescadores, marinheiros, peixeiras, militares, guardas, empregados de comércio ou domésticas.

Já em Santa Maria Maior, foi na Rua da Bandeira onde faleceu grande parte dos indivíduos, seguindo-se artérias e eixos privilegiados de entrada e saída da cidade, mas também áreas de estabelecimentos comerciais ou serviços. Notem-se os riscos associados à localização do Hospital da Misericórdia, em pleno centro da cidade, na esquina com a Rua da Bandeira, nomeadamente pela constante circulação de peões, entrada e saída de doentes, falecidos e pessoal médico, tornando-se num possível foco de disseminação da pandemia. Domésticas, empregados de balcão, jornaleiros, oficiais da construção, ferroviários, militares, médicos, farmacêuticos, por exemplo, foram as profissões mais abundantemente registadas ao óbito, ocupações mais sujeitas à exposição viral.

A análise da documentação do Hospital da Misericórdia de Viana do Castelo revela um movimento semelhante ao paroquial, como se pode concluir pela observação da Figura 9. Entre 1912 e 1932, o ano de 1918 perfila-se claramente acima da média. De igual modo, o movimento sazonal ao óbito nesse mesmo ano, indica que entre janeiro e setembro a média foi de 0-6 óbitos/mês, enquanto que, em outubro do mesmo ano, ascendeu a 29 vítimas. A idade média dos falecidos foi igualmente baixa (33,42 anos) e, à semelhança do observado na cidade, 66,9% eram indivíduos do sexo feminino.

Durante este período a origem dos doentes diversificou-se. Entraram doentes de todo o concelho e o seu alcance atingiu a Ribeira-Lima, com doentes internados dos concelhos do interior, como Arcos de Valdevez ou

Fig. 9 – Movimento de óbitos no Hospital da Misericórdia de Viana do Castelo



Fonte: ADVCT, Fundo da Misericórdia de Viana do Castelo, Registo de Mortos.

Ponte de Lima. As poucas profissões encontradas referem-se a jornaleiros, criadas de servir e mendigos.

Consultámos o *Jornal Aurora do Lima* que evidenciou a dramática conjuntura da época⁸, revelando uma variedade extraordinária de temáticas abordadas em simultâneo, como a guerra, a mobilidade de militares, Sidónio Pais, censura, greves, falta de subsistências, fome, mendicidade e pneumónica.

A crise de subsistências era avassaladora. As medidas tomadas pelo Governador Civil de Viana do Castelo, no sentido de organizar celeiros municipais para abastecer as populações, foram amplamente divulgadas, mas também criticadas. Por Decreto-Lei de 20 de abril de 1918, os lavradores eram obrigados a manifestar a sua produção de cereais oito dias depois da colheita. Retirada a quantia necessária à família, deviam entregar o remanescente ao respetivo celeiro. No entanto, a lei era impossível de cumprir, pois as colheitas pautavam-se por ciclos próprios e faseados ao longo do ano, condicionadas pelas chuvas. Os cronistas clamavam pela equidade da distribuição do pão no Alto Minho através da implementação de celeiros paroquiais e aos quais todos teriam acesso. Uma vez que os celeiros municipais centralizavam os bens, as populações das paróquias mais afastadas já encontravam o milho esgotado quando chegavam à cidade. Escrevia um cronista que «(...) o po-

⁸ BMVCT, *Jornal A Aurora do Lima*, 1918.

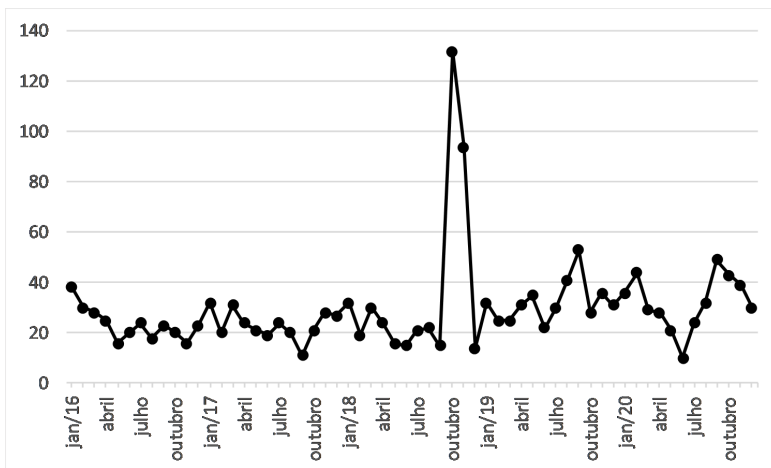
bre é sempre o que paga mais caro porque não tem senão o que ganha dia a dia (...)). Os organismos debilitados facilitaram a ação da gripe espanhola.

A mendicidade tornou-se endémica, especialmente a infantil. Pode ler-se «O espetáculo mais deprimente de uma sociedade é, sem dúvida, a mendicância de menores pelas ruas (...) inocentes creaturinhas a quem os paes, pela fome, obrigam a esmolar (...)». Os asilos estavam cheios, não existiam albergues para menores. Este fenómeno agravou-se com a pandemia, errando pela cidade numerosos órfãos. Na edição de 13 de dezembro, o jornal já comunicava ter sido criado um Orfanato para «(...) os menores que a última epidemia deixou ao desamparo (...). Abriga já 20 crianças de ambos os sexos e estão ainda sendo recolhidas, em diferentes pontos do districto, outras a quem a desgraça feriu (...)».

3. INCIDÊNCIA DA GRIPE ESPANHOLA NO CONCELHO DE CAMINHA

O território do concelho de Caminha pode dividir-se em quatro áreas distintas: a frente litoral e da ribeira Minho, o Vale do Âncora, o Vale do Coura e as freguesias da serra d'Arga, quase isoladas, devido à falta de acessos. Os Vales do Âncora e do Coura formam uma segunda linha de povoações, mais defendidas do mar.

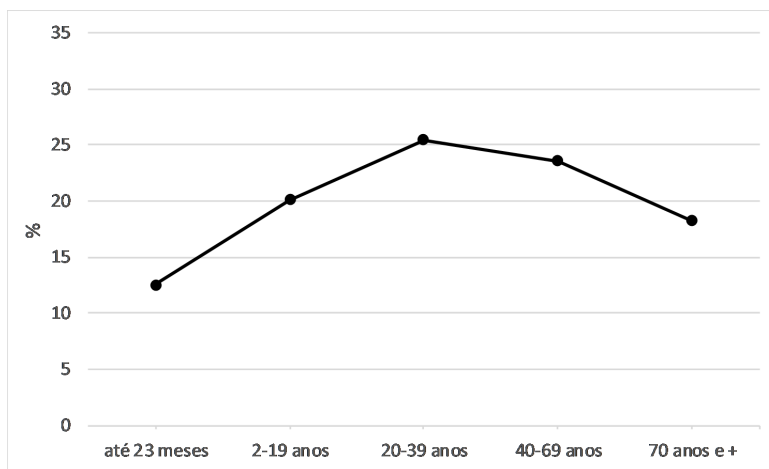
Fig. 10 – Movimento de óbitos no concelho de Caminha – 1916-1920



Fonte: Registos paroquiais de óbitos de Caminha.

Procedemos à análise do movimento de óbitos nas 19 freguesias do concelho de Caminha⁹ (Figura 10). O ano de 1918 e, especialmente, os meses de outubro e novembro, evidenciam a ação da gripe espanhola. Em dezembro, a regressão é clara. Ainda que, como nos demais territórios, existam alguns óbitos não relacionados com a pandemia, um pico de mortalidade de tal dimensão não deixa lugar a dúvidas quanto à morbilidade pandémica.

Fig. 11 – Óbitos segundo os grupos de idade



Fonte: Registos paroquiais de óbitos de Caminha.

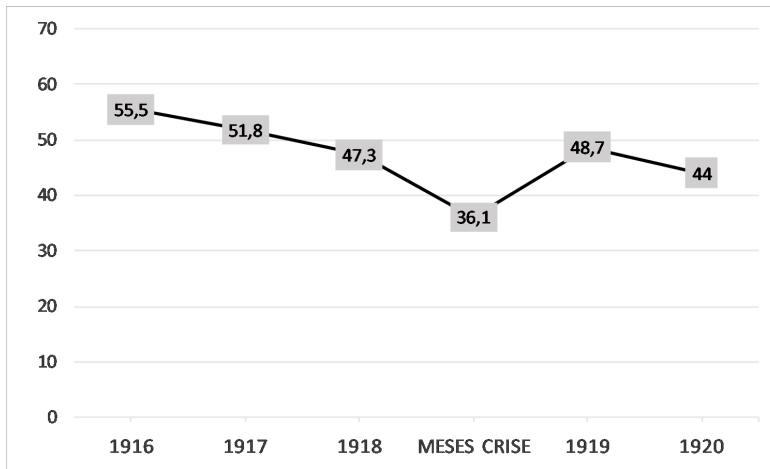
Efetuada o levantamento dos indivíduos falecidos durante a crise pandémica e respetivas idades médias, obtivemos os dados que se encontram nas Figuras 11 e 12. O grupo de idades mais afetado localiza-se na faixa etária dos 20 aos 39 anos de idades (25,5%). Desde a infância até aos 39 anos contabiliza-se um total de cerca de 60%.

A observação das idades médias ao óbito entre 1916 e 1920 revela que foi durante a crise de gripe que se observou a média mais baixa. Se em 1916 esta se cifrava nos 55,5 anos, no ano de 1918 desceu para 47,3 anos e, durante a crise, para 36,1 anos.

A geografia da gripe espanhola no concelho de Caminha mostra que esta afetou, numa primeira vaga, as freguesias do litoral – Vila Praia de Âncora, Moledo, Cristelo, Caminha e Seixas –, cavalcando depois, em finais de outubro e inícios de novembro, para os vales interiores. Alheias à gripe pneumónica devido ao seu isolamento geográfico, ficaram as três freguesias da Serra d’Arga, Vile e Azevedo, de dimensão diminuta. As duas freguesias mais

⁹ Consulte-se REGO, 2015: 331-368, sobre a pneumónica no concelho de Caminha.

Fig. 12 – Idade média ao óbito durante a crise pandémica



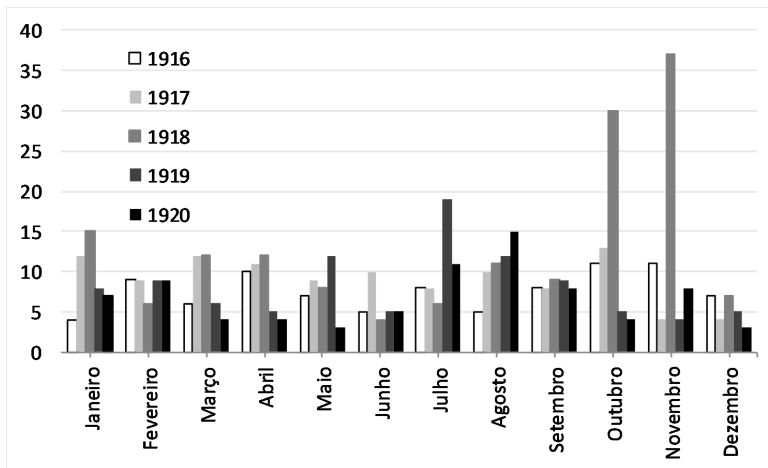
Fonte: Registos paroquiais de óbitos de Caminha.

fustigadas pela pandemia – Vila Praia de Âncora e Seixas – correspondem às duas maiores comunidades piscatórias.

No caso particular de Vila Praia de Âncora (paróquia reconstituída segundo a metodologia de Amorim (1991) por Rego (2013)), a sua praia de banhos era frequentada por elites oriundas dos principais centros urbanos, como Lisboa, Porto, Braga, Guimarães, e pelas comunidades dos concelhos interiores altominhotos. A época de banhos iniciava-se em agosto, quando chegava o primeiro conjunto de frequentadores, terminando em finais de outubro, quando se retirava o segundo conjunto e cujos banhos eram pautados pelo ciclo das colheitas. Vários estudos indicam que a segunda onda da gripe espanhola entrou nos arredores do Porto em agosto de 1918 (Dias, 1919: 49-50). Assim, não é de estranhar que Vila Praia de Âncora se transformasse num dos principais focos de contágio e disseminação. De facto, vários jovens pescadores locais, banhistas e criadagem faleceram a partir 8 de setembro, sem causa aparente. A 3 de outubro, o jornal *Notícias de Caminha* regista já o início da pandemia, a ida e vinda de soldados da Grande Guerra, a par da saída de banhistas da Praia d'Âncora, num contexto geral de contágio em expansão.

Analisado o Movimento de Entrada de Doentes no Hospital da Misericórdia de Caminha (Figura 13) verificamos que os meses de outubro e novembro de 1918 se destacam claramente de todo o conjunto. Se nos anos enquadrantes o número de doentes girava entre 80-90, em 1918 atingiu os 157.

Fig. 13 – Movimento de Entradas de Doentes no Hospital da Misericórdia de Caminha



Fonte: ADVCT, Misericórdia de Caminha, Livros de entradas de doentes.

Na Misericórdia de Caminha, o primeiro doente registado com gripe foi um marinheiro, internado já no dia 1 de setembro. Passou-se um mês e, em 4 de outubro, a pandemia já se encontrava descontrolada, pois, a partir dessa data, só deram entrada exclusivamente doentes com gripe. As ocupações registadas indicam que os profissionais ligados ao mar e ao rio (marinheiros, grumetes, fogueiros, barqueiros, pescadores, remadores) foram atingidos em primeiro lugar e em maior número (37,88%), mercê de um maior contacto com outros locais. Seguiu-se um conjunto contaminado de domésticas, jornaleiras e criadas (47%).

Selecionando os meses de outubro e novembro observamos que os doentes epidemiados apresentavam uma média de idades baixa (31,64 anos). Note-se que nos livros de entrada de doentes não se encontram menores de 6 anos, registando-se somente uma criança de 7 anos e jovens com idades iguais ou superiores a 11 anos. Devido à precocidade do contágio e à exiguidade das instalações, o setor masculino registou 59,15% da ocupação hospitalar.

De destacar que, durante o ano de 1918, não foi registado na Misericórdia nenhum doente com tifo ou varíola, epidemias que poderiam interferir na análise desta fonte. Já no ano de 1919, identificámos sete doentes atacados com gripe, entre fevereiro e agosto, três doentes com tifo e um com varíola; em 1920, cinco doentes com gripe e cinco com tifo. Concluimos, pelo exemplo desta instituição hospitalar, a nula interferência de outros agentes contagiosos durante a ocorrência do pico pandémico no concelho de Caminha.

Esta asserção ficou comprovada pela intensa troca de telegramas a partir de 8 de outubro de 1918, entre o Provedor da Misericórdia, Manuel Alves Pinto, e o Presidente da República, Sidónio Pais, oriundo de Caminha. A braços com uma pandemia que não foi tomada em atenção no tempo devido, o Provedor informava, ao longo dos dois meses catastróficos, sobre o alastramento da pandemia no concelho e o terror da população, solicitando assim a vinda de médicos, subsídios para montagem de hospitais provisórios e envio de medicamentos ou de substâncias de desinfeção¹⁰.

A maioria das vítimas que tombaram durante a pandemia pertencia a camadas populacionais mais desfavorecidas, onde os índices de alimentação, salubridade e higiene habitacional eram mais baixos e as famílias numerosas¹¹.

Segundo as orientações da Direção Geral de Saúde, os seus delegados concelhios deveriam preencher o mapa de Movimento Fisiológico anual, onde constariam todos os óbitos e respetivas causas. No ano de 1918, torna-se evidente o descuido na anotação ou desconhecimento das causas da grande maioria dos falecimentos. No concelho de Viana do Castelo, desconhecem-se as causas de 65,91% dos óbitos; em Caminha, de 11,79% dos casos; em V. N. Cerveira, de 59,11% e em Paredes de Coura, de 76,32%, catalogadas como *outras doenças* ou *doenças ignoradas ou mal definidas*. Tomando como exemplo o concelho de Caminha, no documento foram registados 167 óbitos de gripe, um de tifo e um de varíola.

A Câmara Municipal de Caminha solicitou às elites locais que se organizassem para auxiliar «os pobres epidemiados e suas famílias»¹². Através do Relatório de Trabalhos da Comissão torna-se possível compreender a sua ação junto das famílias atacadas pela pandemia. A filantropia adquiriu diversas facetas, como, por exemplo, a cedência por particulares de meios de transporte para doentes ou a *sopa económica do 5 de Dezembro*. Nas freguesias mais afastadas, onde a ação médica não chegava, eram os párocos que acudiam os doentes em visitas domiciliárias, distribuindo medicamentos e conselhos. Uma Delegação da Cruz Vermelha foi instalada em Vila Praia de Âncora.

¹⁰ ADVCT, *Fundo da Misericórdia de Caminha*, Correspondência expedida, cota 7.36.2.36.

¹¹ «Éramos 14 irmãos, muito pobrezinhos; e vivíamos com a nossa mãe (...) O nosso pai tinha ido para o Brasil. Nesse tempo havia na nossa casa apenas 3 camas para 15 pessoas: uma cama ficava para a mãe com 4 raparigas, noutra cama, 6 raparigas mais pequenas (...) e na outra dormia eu e mais 3 irmãos. Pois adoecemos 6 com a pneumónica (...)» (Rodrigues, 1970: 9-15).

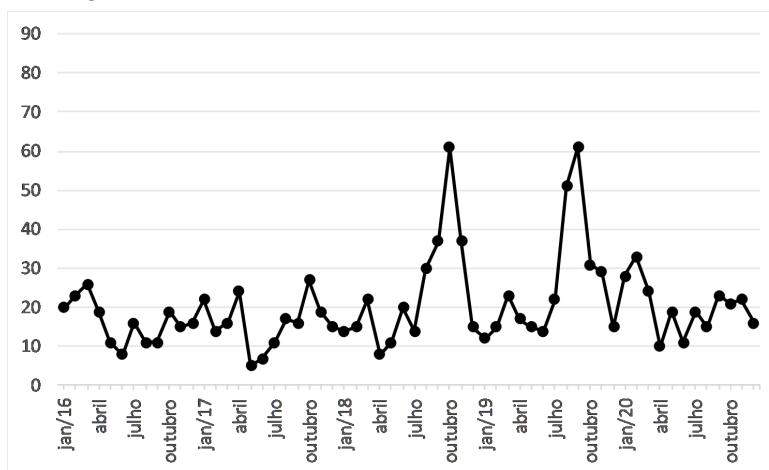
¹² AMC, *Comissão angariadora de donativos. Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano*, Cota 1.21.3.7-15.

Os cronistas das diferentes freguesias do jornal *Correio de Caminha* estiveram, desde o início, atentos ao fenómeno da «nova moléstia que já tem feito algumas vítimas». Anunciada a pandemia em 3 de outubro, os cronistas vão descrevendo o seu alastramento. Os nomes das vítimas vão sendo sucessivamente elencados e, na sua fase de rescaldo, elaboram listas de mortos por freguesia. Ao longo do período de crise, não faltam alusões ao contexto pandémico já referido: fome e subsistências, focos de imundície pública e atividades insalubres (como a seca do *patelo*¹³ a céu aberto), medidas profiláticas (como a queima de eucaliptos para purificar o ar), grande mobilidade de militares, elevada mortalidade de crianças e existência de órfãos sem rede familiar, cerimónias religiosas dedicadas, na sua maioria, a S. Sebastião, patrono da trilogia da miséria.

4. INCIDÊNCIA DA GRIPE ESPANHOLA NO CONCELHO DE VILA NOVA DE CERVEIRA

Para além do papel defensivo do concelho de V. N. Cerveira e das atividades piscatória fluvial e de barcagem, existiam freguesias interiores de forte pendor agrícola, destacando-se algumas, como Sopo ou Gondarém, que possuíam escolas famosas de pedraria.

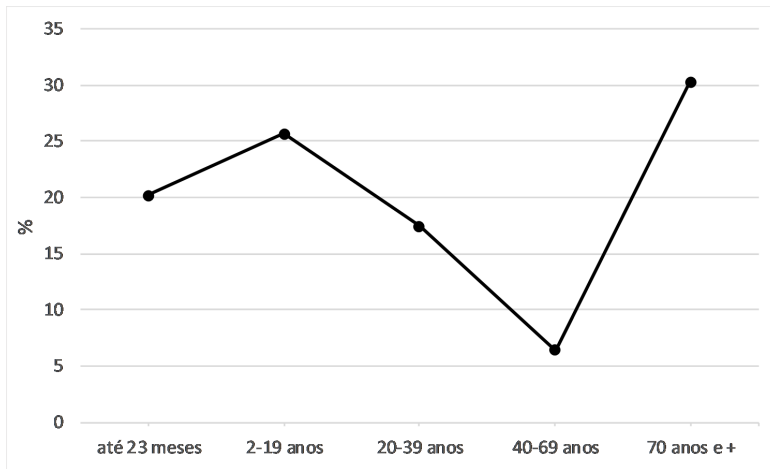
Fig. 14 – Movimento de óbitos no concelho de Vila Nova de Cerveira



Fonte: Extratos e Registos paroquiais de óbitos do concelho de V. N. de Cerveira.

¹³ Patelo: caranguejo pequeno não comestível que, depois de seco, era utilizado como adubo para as terras.

Fig. 15 – Óbitos segundo os grupos de idade



Fonte: Extratos e registos paroquiais de óbitos de V. N. de Cerveira.

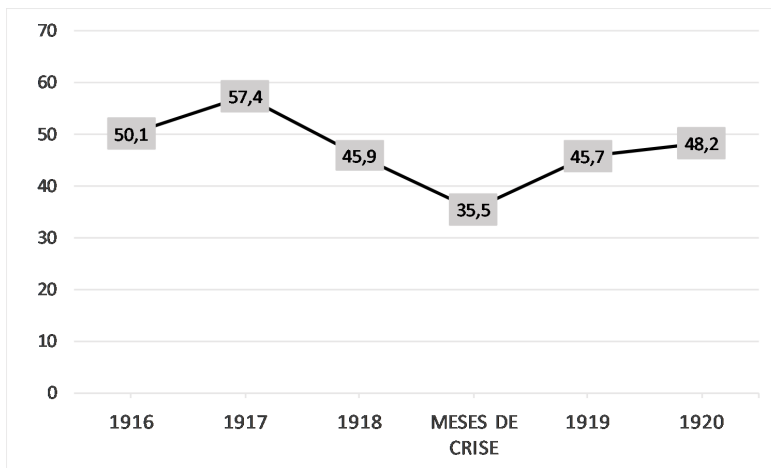
O levantamento dos óbitos neste concelho foi efetuado através do cruzamento dos extratos de óbito com os registos paroquiais. O seu movimento (Figura 14) revela que existiram, entre 1916 e 1920, dois picos significativos de mortalidade. O pico de 1918 corresponde à pandemia da gripe e o de 1919, segundo o jornal *Echos de Cerveira*, a um importante surto de tifo exantemático¹⁴. A eclosão da pneumónica teve início já em agosto, atingindo o seu auge no mês de outubro. Somente em novembro a pandemia começou a regredir.

Calculados os grupos de idades afetados pela gripe espanhola no concelho de V. N. Cerveira (Figura 15), concluímos que foram as faixas etárias das crianças menores de 23 meses (20,18%), dos jovens até aos 19 anos (25,69%) e dos adultos até aos 39 anos (17,43%), as mais atingidas. A Figura 16 revela que, durante o período de crise pandémica (agosto-novembro), a idade média ao óbito desceu para os 35,5 anos, por comparação com os anos enquadrantes, com valores, respetivamente, de 57,4 e 45,7 anos.

Do território cerveirense, a sede concelhia, a freguesia central do território (Candemil) e a freguesia de Sopo (com grande mobilidade de trabalhadores) foram os espaços mais afetados pela pandemia. Com média intensidade, podemos referir todo o núcleo de paróquias que rodeiam V. N. Cerveira e,

¹⁴ AMVNC, Jornal *Echos de Cerveira*, nº 172, 10 de agosto de 1919. *Alastra neste concelho a peste, e grande numero de baixas tem produzido já, achando-se varias pessoas doentes e outras queixando-se bastante de dores no ventre, onde a moléstia parece começar por atacal-las.*

Fig. 16 – Idade média ao óbito durante a crise pandémica



Fonte: Extratos e registos paroquiais de óbitos de V. N. de Cerveira.

de baixa ou nenhuma intensidade, as pequenas paróquias mais afastadas e isoladas.

A informação proveniente da documentação municipal, cruzada com os conteúdos do jornal local¹⁵ revela, no seu conjunto, o cenário dramático vivido neste concelho. Com a seca prolongada no ano de 1918, a produção agrícola de cereais foi ruínosa, nem escapando a ela as fruteiras. Adivinhava-se fome e, apesar das ordens dadas pelo Administrador do Concelho aos lavradores no sentido de, conforme os termos legais, entregarem os excedentes para o celeiro municipal, elas não foram cumpridas na generalidade. Em vão se procurava controlar a laboração e produção dos moinhos, implementar o manifesto da mostarda e linhaça ou a tabelagem dos preços dos bens essenciais. O celeiro foi por várias vezes fechado por falta de grão e reorganizado. A aplicação de multas aos produtores devido ao açambarcamento de cereais, especulação de preços, escoamento de farinhas e de gado para fora do concelho e para a Galiza, foram uma constante ao longo do período pandémico. Perante a falta de subsistências, a população recorria à prática da caça ilegal para dar de comer às famílias. Matadouros, armazéns e lojas diversas foram assaltados várias vezes. A segurança pública era praticamente inexistente, uma vez que só existia uma praça para todo o concelho e esta se lamentava que a Câmara

¹⁵ AMVNC, *Fundo da Misericórdia*; Comissão Executiva: Correspondência recebida e Expedida (Cotas 1.22.6.3-2, 1.31.2-2, 1.32.1.1-7, 1.32.1.1-3, 1.52.5.11, 1.52.4.3, 1.52.6.22, 1.53.5.3); Tabelas de Cereais (cotas 1.29.6.1-1, 1.34.4.1); Atas das Sessões (cotas 1.1.2.20, 1.1.2.21); Jornal *Echos de Cerveira*, anos de 1918-1919.

só havia guarnecido (à falta de petróleo) uma vela de estearina, por noite, para o quartel, insuficiente para manter a ordem noturna.

A distribuição de bens, numa primeira fase, foi fortemente criticada, devido à arbitrariedade na entrega às diferentes freguesias, em particular, do açúcar para medicamentos aos epidemiados. Esta situação ocasionou vários descatos em diferentes freguesias. No caso da freguesia de Candemil (a segunda mais afetada), a 2 de setembro existiam já 33 fogos com doentes em número variável (entre 2 a 9 familiares).

Numa segunda fase, foram afixados e lidos nas igrejas editais para a entrega de senhas de consumo e guias de trânsito, cujos termos não eram compreendidos pela maioria dos regedores e da população em geral, apesar da imprensa regional informar, em dimensão apreciável e, desde a primeira hora, da pandemia que se aproximava e se expandia.

Em plena fase de expansão – inícios de outubro – foram cancelados eventos que propiciassem a aglomeração de pessoas, tais como inspeções militares e atividades religiosas, decretando-se o imediato encerramento das escolas a 10 de outubro. O número de comboios em circulação diminuiu, ocasionando reclamações nos vários concelhos.

Em 12 de setembro, o barqueiro foi impedido de atracar em terras galegas, devido à gravidade da gripe nas margens portuguesas, encerrando os serviços de transporte a 28 do mesmo mês. O jornal *Echos de Cerveira* já tinha advertido para esta eventualidade:

Consta-nos que agora quem quizer passar para Hespanha há de apresentar-se engravatado. Dizem mais que é por causa da epidemia que por cá grassa. Ahi teem os snrs. medicos: havendo epidemia, gravata ao pescoço e . . . cura certa. Já se póde, pois, visitar os «limpos galegos».

Porém, quando a 12 de novembro retrocedia a intensidade gripal em V. N. Cerveira, a Administração do Concelho pedia providências ao Governador Civil para que agora não deixasse entrar indivíduos da Galiza, onde grassava fortemente a gripe.

Ao que tudo indica, foi o jornal *Echos de Cerveira* que primeiro comunicou a aproximação da pandemia. Foi também pioneiro quando, no dia 20 de outubro, apresentou um extenso artigo que estabelecia comparações entre a pandemia atual e a pandemia de 1889-1890. No dia 1 de setembro, pode ler-se: «Grassa n'esta villa e concelho uma terrível epidemia que já tem feito algumas victimas». Pouco depois, noutro artigo:

Uma doença mysteriosa e traiçoeira que por ahi chamam vulgarmente «gripe-pneumonica», mas que deixa logar a duvidas cruéis pelos seus variados symptomas e pelos seus estragos muitas vezes quasi fulminantes, invadiu a maior

parte do nosso paiz, fazendo victimas aos milhares. Quasi que não há domicilio nas cidades e aldeias que não tenha sido acommettido por essa moléstia estranha e indefinida que diariamente ceifa tantas pessoas no vigor da existência.

Como principais causas da precocidade da incidência da pneumónica neste concelho, podemos destacar: a constante ida e vinda de militares da Grande Guerra, o frequente estacionamento de tropas em passagens regulares entre os quartéis de Viana do Castelo e de Valença (incluindo doentes para tratamento nos hospitais militares)¹⁶, a desorganização das instituições (que ocasionou, em plena pandemia, exonerações e eleições de chefias, por exemplo), a existência de apenas dois médicos para todo o concelho, bem como a proximidade com a fronteira galega.

5. INCIDÊNCIA DA GRIPE ESPANHOLA NO CONCELHO DE PAREDES DE COURA

O concelho de Paredes de Coura ocupa geograficamente uma posição central no distrito de Viana do Castelo. Confinava a norte com o concelho de Monção, a noroeste com o de Valença, a sul com o de Ponte de Lima, a leste com o de Arcos de Valdevez e a oeste com o de Vila Nova de Cerveira. No plano administrativo, o território municipal agrega 21 freguesias distribuídas pelos vales e encostas dos seus montes, atravessados pela rede hidrográfica que parte do rio Coura e se multiplica em afluentes, ribeiros, regatos e fontes (Figura 17).

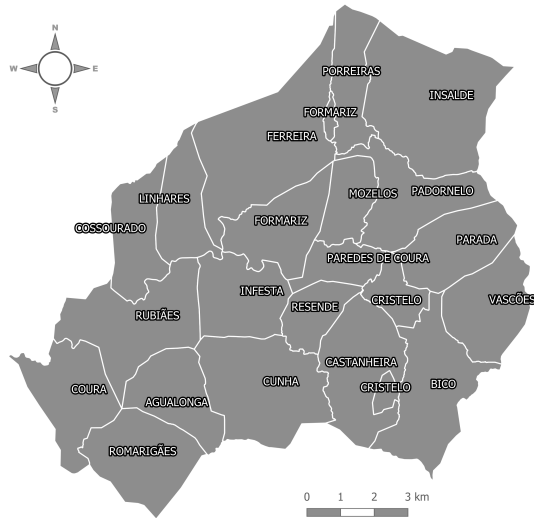
Em 1909, Narcizo Alves da Cunha informava que «(...) o clima, frio no Inverno, é benéfico e saudável (...)» e que «(...) moléstias endémicas de carácter grave, não têm aparecido senão as febres tifoides em 1856 que não ultrapassaram os limites da freguesia de Formariz; e uma vez ou outra, a varíola que, em geral, não tem feito estragos sensíveis (...)» (Cunha, 1979: 27).

Por outro lado, dos poucos casos de tuberculose identificados até ao início do século XX, o maior número teria sido contraído fora da localidade por indivíduos que daí «(...) saíam e depois regressavam, contaminados, ao seio das suas famílias (...)»¹⁷.

¹⁶ «A pandemia foi identificada pela primeira vez em acampamentos de treinos de militares, no Kansas, EUA. A deslocação de tropas para a Europa teria propiciado o seu contágio. Mais recentemente, foram apontadas outras origens possíveis em contexto da guerra» (GEORGE, (s/d): 5).

¹⁷ AMPC, Jornal *A Voz de Coura*, 1905-05-13, citado por (Cunha, 1979: 27)

Fig. 17 – Mapa do concelho de Paredes de Coura



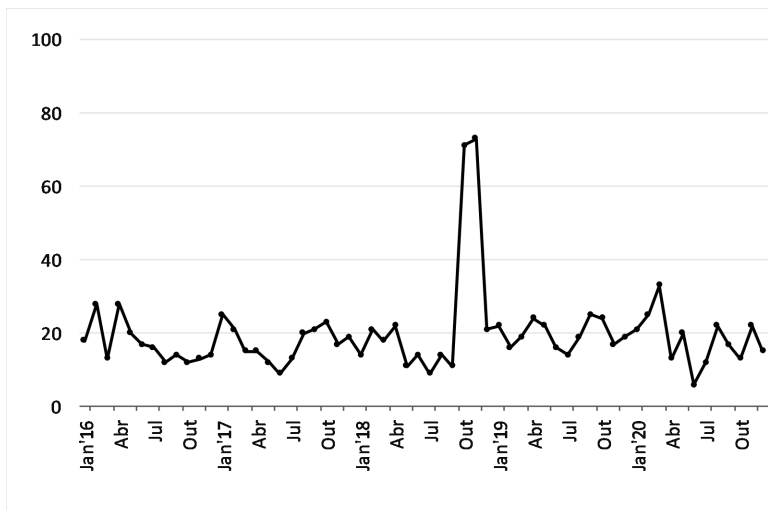
Fonte: CAOP (2011). Elaboração: Casa de Sarmento – UMinho.

A análise do ciclo da gripe pneumónica neste município assentou, essencialmente, nos dados fornecidos pelos registos paroquiais de óbito, produzidos em cada uma das suas freguesias entre os anos de 1916 e 1920. Para a contextualização dos impactos causados pela epidemia, e sendo desconhecida para este período qualquer documentação sobre a evolução do fenómeno, emanada quer do Hospital da Misericórdia quer da Câmara municipal, recorreremos às sucessivas informações veiculadas pela imprensa local em cruzamento com os resultados estatísticos obtidos através das fontes paroquiais.

O movimento anual dos óbitos observado ao longo de um quinquénio (Figura 18) revela claramente uma excecional elevação do volume de mortes nos meses de outubro e novembro de 1918, correspondendo aos momentos mais gravosos e de propagação generalizada.

Conforme noticiado a 5 de outubro desse ano pelo jornal local *A Voz de Coura*, a gripe viral já se expandia em todo o norte do país, registando-se apenas alguns casos no concelho de Paredes de Coura. A explicação para esta entrada mais tardia terá seguramente resultado do grande isolamento das suas populações, geograficamente afastadas da orla litoral onde as comunidades marítimas que aí residiam se encontravam particularmente expostas a contágio, induzido pela mobilidade profissional dos homens do mar que exi-

Fig. 18 – Movimento de óbitos no concelho de Paredes de Coura



Fonte: Registos paroquiais de óbitos de Paredes de Coura.

gia permanentes contactos com as localidades costeiras da vizinha Espanha, um dos principais focos de propagação da epidemia na região.

Uma notícia do mesmo jornal, publicada em 26 de outubro, referia então que «(...) a epidemia continua atirando com uns para a cama e com outros para o coval. Os casos aumentam e os óbitos são diários. Luta-se com a falta de médicos e medicamentos. A mortalidade pelas aldeias tem sido maior devido talvez ao pouco cuidado e falta de limpeza (...)». Informava também que, nesta data, as «(...) freguesias mais atacadas são Paredes Mozelos, Padornelo, Vascões, Parada, Bico, Rubiães e Ferreira (...)»¹⁸.

Após o pico de gripe, que culminou no mês de novembro, seria noticiado em 7 de dezembro, que «(...) a nossa terra com ser salubre, padeceu, e muito, com o flagelo: freguesias houve em que as vitimas foram a esmo. Agora a maldita vai-se e fica-se a gente a recordar tanto e tanto vulto amigo levado naqueles dias negros da epidemia (...)»¹⁹. Ainda assim, o mesmo jornal viria a informar em 28 de dezembro²⁰ que a epidemia continuava a atingir duas paróquias do concelho (Cunha e Cossourado), ainda que com menor intensidade. Estas são duas freguesias periféricas, a primeira confinando com

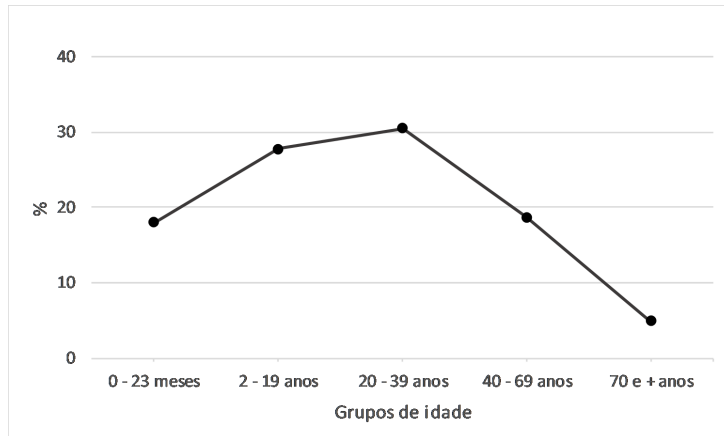
¹⁸ Jornal *A Voz de Coura*, 1918-10-26, citado por Narciso C. Alves Cunha (1979: 28).

¹⁹ AMPC, Jornal *A Voz de Coura*, 1918-12-07.

²⁰ AMPC, Jornal *A Voz de Coura*, 1918-12-28.

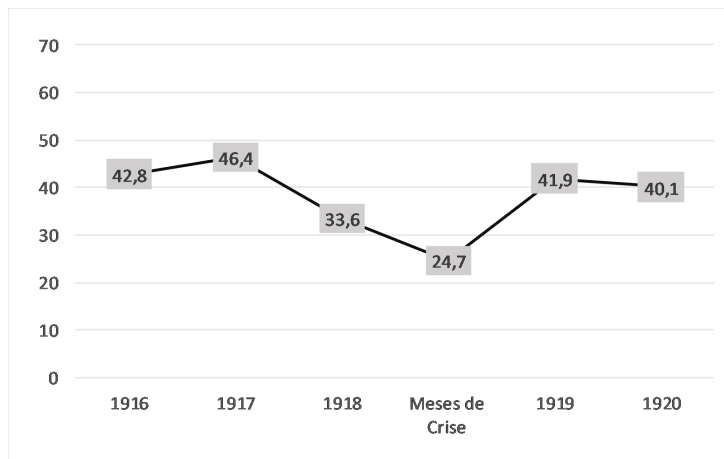
o concelho de Ponte de Lima, e a segunda situada nos limites dos concelhos de Valença e Vila Nova de Cerveira.

Fig. 19 – Óbitos segundo os grupos de idade



Fonte: Registos paroquiais de óbitos de Paredes de Coura.

Fig. 20 – Idade média ao óbito durante a crise pandémica



Fonte: Registos paroquiais de óbitos de Paredes de Coura.

Visando avaliar o impacto da mortalidade causada pela gripe pneumónica nos diferentes grupos de idade, isolámos os casos de indivíduos que faleceram no conjunto das freguesias do concelho durante os meses de crise. Os resultados obtidos, expressos na Figura 19, indicam que a faixa etária mais atingida teria sido a dos adultos com idades compreendidas entre os

20 e os 39 anos (30,5%), seguida de perto pelo grupo de crianças e jovens adultos com idades entre os 2 e os 19 anos (27,6%). Por outro lado, o peso relativo de mortes registadas durante a fase crítica de incidência viral assumiu valores muito próximos no grupo de recém-nascidos e crianças até aos 23 meses (18,2%) e no de adultos com idades entre 40 e 69 anos (18,8%), correspondendo estes dois últimos grupos a uma percentagem acumulada de 37%. Para esta distribuição teria decisivamente contribuído a permanente exposição a contágio que prevalecia no seio dos agregados domésticos, induzida por deficientes condições de habitabilidade e higiene que maximizavam, na generalidade das famílias, os riscos de contaminação junto dos elementos mais jovens.

A título ilustrativo e com base no cruzamento da informação retirada dos registos de óbito com as notícias que foram publicadas no jornal *A Voz de Coura* durante os meses de crise, retiramos os seguintes casos:

- Em 13 de outubro de 1918, faleceram, na freguesia de Infesta, Porfírio Barbosa, solteiro, de 28 anos, e Rosa Cândida Silva, solteira, de 13 anos, ambos irmãos e lhos de Custódio Barbosa e Francisca Luísa Silva.
- Ainda neste mês, em que a gripe alastrou com grande intensidade, faleceram três filhos de Manuel Barreiro e de Antónia Rodrigues no espaço de quatro dias: Delm Barreiro, de 3 anos, António Barreiro, de 5 anos e Rosa Rodrigues Barreiro, de 18 anos de idade.
- Carolina Rosa, mãe solteira, residente na freguesia de Paredes, viu falecer em 27 de novembro a sua filha Maria das Dores, de 4 anos de idade e, no dia seguinte, o seu filho Domingos da Rocha, de 7 anos.

Como seria previsível neste contexto depressivo, a idade média ao óbito calculada para o conjunto das freguesias do concelho durante os meses de crise (Figura 20) acusou uma queda significativa, caindo até aos 24,7 anos, por influência da intensa mortalidade registada na população com idade inferior a 40 anos. Esta tendência foi igualmente assinalada nos restantes territórios em análise, correspondendo a idades médias ao óbito que variaram entre 36,6 anos na cidade de Viana do Castelo, 36,1 anos em Caminha e 35,5 anos em Vila Nova de Cerveira, valores que seguramente refletem a especificidade das respetivas estruturas populacionais.

6. NOTAS FINAIS

A pandemia manifestou-se primeiramente no concelho ribeirinho de V. N. de Cerveira, já durante o mês de agosto, com uma intensidade média. No mês seguinte, já assumia o mesmo grau na cidade de Viana do Castelo e registava-se também no concelho de Caminha. Durante o mês de outubro, apresentou intensidade forte nos quatro territórios, decaindo durante o mês de novembro, à exceção do concelho de Paredes de Coura, onde a sua intensidade se prolongou até final desse mês. Durante o mês de dezembro os efeitos da gripe tenderam a extinguir-se nos quatro municípios.

A pandemia alastrou-se das frentes marítima e ribeirinha para a região interior atingindo mais tardiamente as populações de Paredes de Coura. Verificámos igualmente que, no concelho de Caminha, a epidemia cavalgou das freguesias do litoral para as freguesias de segunda linha dos vales do Âncora e do Coura, deixando incólumes as freguesias serranas e mais isoladas. No concelho de V. N. de Cerveira o seu epicentro registou-se na sede concelhia, virada à Galiza. De qualquer forma, seja no meio urbano seja no meio rural, a gripe atingiu os quatro territórios analisados, chegando, porém, mais tardiamente às zonas rurais interiores.

Comparando a incidência dos óbitos segundo os grupos de idade, torna-se evidente a semelhança de comportamentos em todos os territórios, isto é, uma forte incidência nos recém-nascidos até aos 23 meses e nas faixas etárias seguintes até aos 39 anos. A forte mortalidade registada entre as faixas etárias jovens e entre famílias em reprodução conduziu necessariamente à descida das taxas de natalidade e de fertilidade, que justificam a estagnação populacional no aludido Recenseamento de 1920.

Podemos concluir que a pandemia da gripe espanhola se abateu, de forma geral, sobre uma população faminta, maioritariamente analfabeta, nela se destacando as famílias numerosas que viviam em condições de habitabilidade, higiene e salubridade precárias. Quando as instâncias burocráticas de saúde reagiram, a pandemia encontrava-se já fora de controlo.

Fontes manuscritas:

Cidade de Viana do Castelo

Cartórios Paroquiais, Registos paroquiais de óbitos.

ADVCT, Fundo da Misericórdia de Viana do Castelo, Livro dos Mortos.

Concelho de Caminha

Cartórios Paroquiais, Registos paroquiais de batismos e de óbitos.

ADVCT, Fundo da Misericórdia de Caminha: Livros de entradas de doentes; Correspondência expedida.

AMC, Comissão angariadora de donativos, Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano.

Concelho de Vila Nova de Cerveira

Cartórios Paroquiais, Registos paroquiais de batismos e de óbitos.

AMVNC, Atas das Sessões da Câmara; Administração do Concelho; Tabelas dos preços de Cereais.

AMVNC, Fundo da Misericórdia; Comissão Executiva: Correspondência recebida e Expedida.

Concelho de Paredes de Coura

AMPCR, Registos paroquiais de óbitos de Paredes de Coura (1916-1918), consultados no Arquivo Municipal de Paredes de Coura mediante empréstimo dos párocos das freguesias do concelho.

Fontes impressas:

AMPCR, Coleção de jornais de Paredes de Coura.

A Aurora do Lima (1918). Biblioteca Municipal de Viana do Castelo.

Correio de Caminha (1918). Coleção particular.

Echos de Cerveira (1918-1919). Coleção particular.

INE, *Recenseamentos nacionais portugueses*.

Bibliografia

- AMORIM, Maria Norberta (1991). Uma metodologia de Reconstituição de Paróquias desenvolvida sobre registos paroquiais portugueses. *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, IX, 1, pp. 7-25.
- CUNHA, Narcizo C. Alves (1979). *No Alto Minho Paredes de Coura*. Câmara Municipal de Paredes de Coura.
- DIAS, Domingos José (1919). *A Pandemia Gripal*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Medicina do Porto. Ed. Autor, V. N. de Famalicão.
- GEORGE, Francisco (s/d). *A Pneumónica*. Acedido a 23/02/2019, em <http://www.dossierdelutas.pt/category/textos-do-autor>
- FRADA, João (2005). *A Gripe Pneumónica em Portugal Continental – 1918*. Sete Caminhos.
- FRADA, João (2010). *Pandemias de gripe A (H1N1) em Portugal, 1918-2009. Ecos e cismas do passado no presente*. Edições Clifontur, Lisboa.
- REGO, Aurora Botão (2013). *De Santa Marinha de Gontinhães a Vila Praia de Âncora (1624-1924)*. *Demografia, Sociedade e Família*. Junta de Freguesia de V.P. Âncora, Vila Praia de Âncora.
- REGO, Aurora Botão (2015). Impacto da pneumónica no concelho de Caminha, in Pereira et alli (coord.). *A Grande Guerra (1914-1918): Problemáticas e Representações*. Citcem, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- RODRIGUES, Alexandre H. S. (1978). *Traços biográficos do Dr. Luís Inocência Ramos Pereira e de seu Pai José Bento Ramos Pereira*. Gráfica da Casa dos Rapazes, Viana do Castelo.
- SOUSA, Paulo Silveira e; CASTRO, Paula; LIMA, Maria Luísa; SOBRAL, José Manuel (2008). *Responder à epidemia: estado e sociedade civil no combate à gripe pneumónica (1918-1919)*. *Revista da História das Ideias*, 29, pp. 469-500. Acedido a 23/02/2019, em <http://doi.org/10.14195/2183-8925\29\17>